PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 85/13

Concede o Título de Cidadão da Cidade de Salvador ao Sr. Gessiron Alves Franco (Siron Franco).

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

RESOLVE:

Art. 1º - Fica concedido o Título de Cidadão da Cidade de Salvador ao Sr. *Gessiron Alves Franco (Siron Franco)*.

Art. 2º - Fica a Mesa Diretora da Câmara autorizada a marcar dia e hora para em Sessão Solene, fazer a entrega do referido Título.

Art. 3º - As despesas decorrentes da presente Resolução correrão por conta da verba própria do Orçamento vigente.

Art. 4º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 2 de outubro de 2013.
PAULO CÂMARA

JUSTIFICATIVA

Pintor, desenhista e escultor, Siron Franco nasceu em Goiás Velho, GO, em 1947. Passou sua infância e adolescência em Goiânia, tendo sua primeira orientação de pintura com D.J. Oliveira e Cleber Gouveia. Começou a ganhar a vida fazendo e vendendo retratos. A partir de 1965, decidiu concentrar-se no desenho, seguindo os esboços grotescos e irreais que tinha em mente. Entre 1969 e 1971 residiu em São Paulo, frequentando os ateliês de Bernardo Cid e Walter Levi, em São Paulo e integrando o grupo que fez a exposição Surrealismo e Arte Fantástica, na Galeria Seta.

Após ganhar o prêmio Viagem ao Exterior no Salão de Arte Moderna em 1975, viajou pela Europa entre 1976 e 78. Dono de uma técnica impecável, dá uma atmosfera dramática a seus quadros com a utilização de tons escuros, cinza e marrom. Com mais de 3.000 peças criadas, além de instalações e interferências, teve sua obra representada em mais de uma centena de coletivas em todo o mundo, incluindo os mais importantes salões e bienais.

Cronologia:

1947

Nascia, em 25 de julho desse ano, Gessiron Alves Franco (Siron Franco) em Goiás Velho (antiga capital do Estado de Goiás, anteriormente chamada Vila Boa). Foi o mais moço dos 10 filhos de Constâncio Altino Franco e Semíramis França Franco.

1950

Em 16 de janeiro, mudou-se para Goiânia, indo residir numa zona de classe média baixa, bairro popular. Foi exatamente nessa localidade onde se deu o desastre com o Césio-137, em 1987.

1954

Simon começa seus estudos primários no Grupo Escolar Modelo, onde os professores eram instruídos a ministrar somente o básico: ler e escrever. Assim, aos sete anos de idade, Siron mal sabia as primeiras letras e, tanto quanto podia, escapava das salas de aula.

1957

Aos sete anos, Siron dividia seu tempo entre o pai, a quem ajudava numa padaria onde se achava então empregado, e a mãe, cujos pastéis vendia no estádio de futebol da cidade.

1959

A primeira obra conhecida de Siron data desse ano. Não se sabe ao certo quando Siron começou a ter contato com as artes visuais ou quando passou a demonstrar certo interesse nesta direção. Sabe-se, no entanto, que, em Goiânia, as pessoas de classe média costumavam decorar as paredes de suas casas com reproduções ruins e baratas dos mestres europeus - da Renascença ao Impressionismo. Possivelmente, teriam sido essas reproduções o primeiro contato que teve Siron com as artes visuais. Na casa de seus pais havia, por exemplo, uma reprodução da Última Ceia de Leonardo Da Vinci. Configurando esse fato como sendo o primeiro contato de Siron com as artes visuais, não há como precisar a data em que ele começou a pintar. Nesse ano numa curta viagem de seus pais, Siron pintou a Última Ceia na parede de sua casa.

1960

Nesse ano, Siron passou a trabalhar como “office boy” no Banco da Lavoura. Sua função era entregar a correspondência do Banco.

Nesse perído, Siron passou a frequentar o Estúdio ao Ar Livre, supervisionado por dois pintores locais, D.J. Oliveira e Cleber Gouvêa. Como lhe faltassem tempo e meios para bancar as aulas de pintura, não teve um envolvimento muito singular com esse estabelecimento. Talvez estivesse lá apenas como observador. Foi nesse local que encontrou, além da grande ajuda dos pintores citados, o pintor Confaloni, o fundador da primeira escola de belas-artes de Goiânia e seu primeiro mentor.

1961
Siron começa a trabalhar numa editora, emprego que lhe permite conseguir uma coisa cara para ele: o papel.

1962/66
Sem emprego fixo e estabilidade financeira, Siron aprendia sozinho a dominar a técnica do desenho e, de forma já não tão autodidata, a da pintura. Seu método se baseava na observação e experimentação. Começou a manter-se como retratista, pintando quadros a óleo, técnica que domina, mas raramente faz uso dela.
Aceitava encomendas como desenhista gráfico e até mesmo qualquer trabalho que surgisse.

1967
Siron pintou a mulher do governador de Goiás. Com esse trabalho, sua reputação de retratista cresceu e expandiu-se até Brasília, onde retratava as figuras da alta sociedade.

Nesse ano, Siron fez sua primeira exposição individual de desenhos, no Hotel Bandeirante. Submeteu três desenhos em nanquim à comissão julgadora da Segunda Bienal da Bahia.
1968
Siron expôs as três obras aceitas na Segunda Bienal da Bahia: Cavalo de Tróia, Fim de Todos e Morte aos Primogênitos. Na noite de abertura, a Bienal inteira foi fechada pelo regime militar e duas de suas obras foram destruídas, sobrevivendo apenas o cavalo de Tróia que recebeu o Prêmio de Aquisição.
1969
Segunda exposição individual de Siron na Fundação Cultural de Brasília, onde expôs desenhos e pinturas. Nessa fase, Siron começou a pintar temas sacros, em especial Madonas, que era mercadoria muito vendável e aceita nos países latinos. Esses rendimentos permitiam a Siron certa liberdade financeira para desenvolver sua própria obra que, na época, carecia ainda de definição e era invendável.
1970
Em 23 de março, Siron casa-se com Goiaci Milhomen e muda-se para São Paulo.
Aí, trabalhou com Bernardo Cid e Walter Levy. Fez, nessa época, alguns trabalhos que ele denominou “Era das Máquinas”. Conhece O Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP).
Participa de uma coletiva integrando o grupo que faria a exposição “Surrealismo e Arte Fantástica” na Galeria Seta de São Paulo, onde apresentou as obras Eros e Tánatos.

1971
Siron volta com sua família para Goiânia. Preparou 30 telas que enviou ao Iate Clube, no Rio de Janeiro, onde faria sua primeira exposição individual naquela cidade.
1972
Exposição individual na Galeria Porta do Sol, em Brasília. Em novembro, ele expôs 42 obras no Iate Clube do Rio de Janeiro. Nessa época as obras de Siron tiveram um grande defensor em Walmir Ayala, escritor e crítico de arte na seção cultural do Jornal do Brasil. Em seu artigo "O Pesadelo Tecnológico", ele diz: "A cibernética, o sonho tecnológico, são as forças motrizes do maduro surrealismo de Siron, que tem em Bosch e na pintura flamenga como entre Deus e sua criação, a semelhança foi sendo desfocada por este poderoso artista goiano e o Bosch se viu ampliado e sertanejamente interpretado".
1973
Nova exposição individual de Siron, realizada em dois de agosto na Galeria Guignard, em Porto Alegre.

Em 20 de agosto, Siron inaugura, sozinho, a Galeria Intercontinental no Rio de Janeiro. Abandona o estilo hiperrealismo para pintar figuras isoladas, deformadas, sugerindo fetos, centradas sobre a tela. Nessa exposição surge mais uma figura-chave em sua carreira: o crítico Jayme Maurício, que se tornou o primeiro mentor intelectual de Siron. Siron foi convidado a participar do Primeiro Salão Global Primavera, em Brasília. Recebeu o Prêmio de Viagem, que consistia de uma permanência de seis meses no México. Seria a primeira vez que deixaria o Brasil.

1974
Siron volta ao Brasil.
Seus trabalhos são admitidos na 12ª . Bienal Nacional de São Paulo. Siron saiu vitorioso, entre 145 concorrentes, ganhando o Prêmio no valor de mil dólares, além de ser o melhor pintor do ano e único representante brasileiro na 13. Bienal Internacional de São Paulo.
Participou do 23o. Salão de Arte Moderna no Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro, recebendo o Prêmio de Isenção do Júri.

Participou ainda de duas exposições coletivas: a de artistas brasileiros, realizada no Museu Nacional de Osaka, no Japão e na da Câmara de Comércio Americana do Rio de Janeiro.

Apresentou-se sozinho também na Galeria LBP de Goiânia e *Petite Galerie* no Rio de Janeiro.

Apesar de bem aceito pela imprensa e estar vendendo bem, Siron continuava a pintar madonas e figuras com ar de madonas. Talvez porque com a família sempre crescendo as necessidades também crescessem.

1975
Como estava isento de julgamento, Siron, no mês de maio, apresentou três obras para serem expostas no 24º Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Museu Nacional de Belas-Artes: A Rainha, O Espelho e O Limite do Sistema. O quadro A Rainha valeu-lhe o Prêmio de Viagem, correspondente a uma estadia de dois anos num país estrangeiro de sua escolha e uma bolsa de quinhentos dólares mensais. Na ocasião, tal Prêmio constituía a mais alta honraria a que poderia almejar um artista brasileiro. Exposição individual na Galeria Oscar Seráphico, em Brasília. Em novembro foi designado para representar o Brasil na 13ª Bienal Internacional de São Paulo, onde recebeu o Prêmio Internacional da Fundação no valor de três mil dólares.

Aos 28 anos Siron já havia recebido os mais importantes prêmios do País.

1976
Siron parte para a Europa, tendo voltado diversas vezes ao Brasil para cumprir compromissos profissionais.

Exposição individual no Petite Galerie no Rio de Janeiro.
1977
Siron participou de uma exposição itinerante, intitulada “Brasil e sua arte contemporânea” que percorreu várias embaixadas brasileiras na Europa.
Segunda exposição individual em Goiânia “Siron expõe arte sacra”.

1978
Primeira exposição individual na Galeria Bonino, em agosto. Exposição individual na Galeria Casa Grande, em Goiânia, onde havia exposto apenas desenhos, e outra na Fundação Cultural de Brasília.

Portanto, por essa inegável contribuição as artes do nosso Estado e País, faz-lhe caber por direito ao Título de Cidadão da Cidade de Salvador ao Sr. Gessiron Alves Franco (Siron Franco).

Sala das Sessões, 2 de outubro de 2013.
PAULO CÂMARA